

# Grafica no 7.º Salão

Inovações se apresentam no 7.º Salão Paulista de Arte Moderna. A' entrada, presta o Salão homenagem à memoria de Lasar Segall e de Pancetti. De Segall está ali o celebre "Bananal", adquirido há trinta anos pelo presidente Julio Prestes para a Pinacoteca do Estado, e da coleção de Tarsila do Amaral expõe-se uma boa natureza-morta. De Pancetti, inclui-se notavel retrato expressionista e uma paisagem, esta sob uma fatura impressionista, ambos da coleção de dona Suzana Rodrigues.

Entre as inovações a mencionar consta a Didatica da Pintura Moderna, que esteve na Bienal, e que alguns visitantes consultam. É um esforço, que deveria ser desdobrado. Outra novidade é a existencia de monitores, cuja função informativa não parece ter sido compreendida pelos visitantes.

Como organização da mostra, colocou-se a grafica junto dos portões de entrada e saída. No centro fica a escultura e em torno do grande salão principal a pintura a oleo. Ao fundo, como parece ser um habito, a arquitetura, e para chegar-se a ela há que ver certa arte decorativa.

Há na exposição uma unica agua-forte, de Hedwig Ziegler, muito pobre, sem interesse exemplar, ao lado de uma litografia da mesma autora, "A rua noturna", que obedece a um desenho bem tratado, com uma certa fantasia vitalizante. É também caso singular a litografia, pois outra, de Marcelo Grassmann, representa trabalho de há quatro anos, embora o valor tematico e a fatura contribuam. Parece-nos ser esta a primeira vez que Grassmann mostra suas litografias aqui. Na Europa e na exposição grafica de brasileiros no Uruguai, no ano passado, o artista expôs muitos trabalhos nessa tecnica.

No desenho, dois artistas importantes como Fernando Lemos e Aldemir Martins apresentam-se em variantes que marcam pontos altos nessa tecnica. Como contribuição nova nos parece deva ser salientado a de Anesia Pacheco Chaves, que num desenho bem depurado escolhe motivos severos e os apresenta com uma certa truculencia mecanicista. Sem duvida, houve nela um

nitido progresso, particularmente na fatura. A artista premiada na Bienal, Wega, permanece com as suas pesquisas num plano em que não vemos saída. Fernando Odriozola assinala a sua presença original, de que a exposição há meses realizada na Ambiente já nos informara; dentro de sua maneira "Imagens de um sono" e "As três arvores", mantém a sua pesquisa. Não há originalidade maior na maneira de Barsotti, em que encontramos a influencia marcada de Lemos, como mais adiante essa mesma influencia transparece nas gravuras de Amaral (Antonio Henrique).

Ainda no desenho caberia mencionar o "guache" de Clara Hetyenyi.

A tecnica do desenho não se presta a que um unico exemplar valha a menção, e são assim apresentados, precariamente, Mario Tabarin, Zorlini, Acacio Assunção, Dias Furtado. A inanidade "tachiste" de Alberto Greco foi aceita e está exposta.

Na gravura, é Arnaldo Pedroso Horta o artista mais importante — em dois de seus trabalhos, o gravador impressiona, conquistando mais uma vez um lugar à parte na sua tentativa. Arnaldo trabalha agora na gravura com a mesma eficiencia com que realizou o seu melhor desenho. Todas as qualidades de inteligencia e sensibilidade se resolvem na textura laboriosa e no amor do tratamento donde emerge esta livre palpação grafica.

E não é a gravura menos objeto de esforços interessantes — Dorothy Bastos adota um curioso abstracionismo construtivo, mas apenas fica enunciado. Ilsa Leal Ferreira e Valente da Cruz defrontam-se quase no mesmo plano, mas o branco e preto da primeira produz melhores efeitos que os coloridos do segundo. Marina Caram já foi comentada nesta secção, quando de sua grande mostra, há tempos: suas qualidades de composição contribuem na grafica.

Um novo, Olympio Augusto de Araujo, marca a sua presença por três gravuras entre as quais é melhor a que foge a um esquematismo entre abstrato e figurativo. Referimo-nos ao motivo "Bodes", bem apresentado.